BAPTISMO: A HISTÓRIA

Nos tempos do Novo Testamento, o baptismo de adultos era a norma. Podia ser de uma só pessoa ou de uma família inteira, embora não seja possível afirmar se neste caso as crianças eram incluídas). O baptismo era um acto simples, sucedendo-se imediatamente à conversão suscitada pela pregação dos apóstolos. Este consistia na imersão na água, que era associada ao perdão dos pecados. Às vezes, era seguido da imposição das mãos sobre o baptizado, que era associada à recepção do Espírito Santo.

Resumindo, tínhamos a seguinte sequência: pregação da palavra - conversão de ouvintes - baptismo- imposição das mãos.

O baptismo significava uma linha divisória entre o velho e o novo, o que ficava para trás e o que era abraçado a partir de então, a escravidão e a liberdade.

Mergulhando na água a pessoa juntava-se a Cristo na morte para o pecado, enquanto que voltando para fora da água juntava-se a Cristo no acesso a uma vida transformada e redimida.

Na fase inicial do século II, começaram a dar-se algumas mudanças na prática e na compreensão do baptismo. Assim, à pregação da boa nova, juntou-se a instrução específica no modo de vida cristão. A água usada era, às vezes, derramada sobre a pessoa que era baptizada, sendo o ritual compreendido mais em termos de lavagem e regeneração do que em termos de morte e ressurreição. Finalmente o processo de iniciação cristã era concluído com orações e a partilha da ceia do Senhor.

Nos séculos a seguir, o ritual foi-se tomando cada vez mais elaborado. Já não bastava a simples confissão da fé em Cristo, consequência da conversão para se ser admitido ao baptismo. Passava a haver um longo período de preparação, chamado catecumenato, que consistia numa instrução de conteúdo mais moral do que doutrinal, isto é, uma instrução mais concentrada nas normas de conduta próprias do cristão do que na compreensão da salvação oferecida por Deus e da figura de Jesus Cristo.

Durante os primeiros três séculos, verifica-se uma evolução na definição do tempo próprio para a prática do baptismo. Inicialmente, tinha lugar logo após a conversão; depois passou a ser em qualquer Domingo antes da celebração da eucaristia; depois passou a ser imediatamente antes do Domingo de Páscoa ou de outras festas especiais como o Pentecostes.

Dos adultos às crianças

Surgiu então a ideia do baptismo de sangue: os que fossem martirizados antes do baptismo eram salvos, uma vez que eram baptizados no seu próprio sangue. Surgiu também a ideia de baptismo de desejo: para os que morressem de causa natural antes do baptismo, o desejo explícito do baptismo constituía por si um meio de salvação. De qualquer forma, a questão teológica da salvação dos que morriam sem serem baptizados pressionava no sentido da redução do limite da idade de acesso ao baptismo. Assim, pelo ano 200 (início do século III), havia quer baptismos de adultos quer baptismos de crianças.

Do século II ao século VI, as etapas da iniciação cristã dos adultos são basicamente as mesmas, embora o ritual possa variar de cidade para cidade e de um século para o seguinte. Neste período, havia também um mínimo básico de consenso doutrinal a respeito do baptismo, embora figuras destacadas da Igreja falassem dele em termos diversos. Estavam de acordo em que trazia o perdão dos pecados, oferecia a graça de Deus, comunicava o Espírito Santo e em que devia ter lugar uma só vez na vida. Durante o século IV, a teologia do baptismo passava a seguir mais a linha de S. Paulo, isto é, o sacramento passava a entender-se mais como a participação na morte e ressurreição de Cristo.

O ritual típico da iniciação cristã dos adultos neste período seria como se segue. Algumas semanas antes do baptismo anual, os catecúmenos que eram escolhidos para a iniciação plena na Igreja começavam um

período de preparação mais intensa. Eram apresentados ao bispo ou ao seu representante. Os seus padrinhos testemunhavam a sua aptidão para o baptismo. Operava-se, então, a passagem de catecúmenos a candidatos. No período de preparação mais intensa, além da instrução, havia em cada Domingo o exorcismo dos maus espíritos que os tinham impelido no passado e poderiam tentá-los de novo no futuro. À medida que se aproximava o dia do baptismo, a intensidade da iniciação aumentava, com mais instrução, mais exorcismos e ainda jejum.

Ao fim da tarde antes da Páscoa, começavam as cerimónias solenes na presença do bispo e da comunidade. Acendia-se a vela pascal, entoavam-se hinos de louvor e faziam-se orações de acção de graças e leituras da Bíblia. A vigília estendia-se por toda a noite. De manhã cedo, os candidatos, o bispo e os seus assistentes iam para uma piscina baptismal. Havia a bênção da água e um exorcismo final.

Faziam uma renúncia final a Satanás e aos seus caminhos. Entrando na água, os candidatos eram interrogados um por um sobre a sua fé em cada uma das pessoas da Santíssima Trindade (três perguntas).

Ao responderem afirmativamente a cada pergunta, a água era derramada sobre eles.

Ao sair da piscina, era-lhes dada uma veste branca. Apresentavam-se individualmente diante do bispo que impunha as mãos sobre a sua cabeça e os ungia uma última vez com óleo, enquanto rezava para que fossem cheios do Espírito Santo. Para completar a sua iniciação como cristãos, bastava juntarem-se à comunidade reunida para celebrar a eucaristia da Páscoa da ressurreição.

Deste modo, os candidatos eram plenamente recebidos como membros da Igreja.

No ano 380, o cristianismo foi proclamado como a religião oficial do império romano. Como passou a haver maior número de conversões, embora se mantivesse a extensão do catecumenato, o período de preparação e de ensino imediatamente antes do baptismo foi encurtado. Havia a expectativa de que as pessoas iriam aprender mais sobre a sua religião depois do baptismo, uma vez que viviam agora numa sociedade que era cristã.

No século V, Santo Agostinho desenvolveu a doutrina da transmissão do pecado original desde Adão até todas as futuras gerações. Daí a necessidade de implementar o baptismo das crianças, para que não morressem com o pecado original nas suas almas. Sendo assim, pelo fim do século V, o baptismo infantil tornou-se universal. Alguns séculos mais tarde, no século XIV, adquiriu força de lei: as directrizes da Igreja estabeleciam que as crianças deviam ser baptizadas no período de um dia a uma semana após o nascimento. Tendo passado a considerar-se o baptismo como um procedimento de emergência, ele desapareceu da vigília pascal. A imersão foi substituída pelo derramar de água sobre a pessoa, como aliás já era uso nos baptismos em situação de emergência. Desapareceu o catecumenato, uma vez que os bebés não podiam, eles próprios, receber instrução religiosa e moral. Mas como havia necessidade de garantia de uma dinâmica de fé que desse razão de ser ao baptismo, os padrinhos eram encarregados de a assegurar, através da instrução religiosa e da ajuda ao crescimento moral até que a criança tivesse idade para falar por si.

Nos séculos a seguir ao V, em virtude da generalização do baptismo infantil, foi-se dando progressivamente uma mudança importante na Igreja do ocidente: o desdobramento do ritual da iniciação cristã em passos distintos que passavam a ter lugar em tempos diferentes da vida da pessoa. O ritual da lavagem baptismal, juntamente com exorcismos e unções anexas, a ter lugar no tempo de bebé, separou-se do ritual da unção final a administrar pelo bispo e da primeira recepção da comunhão eucarística, a terem lugar mais tarde. Esse ritual da unção pelo bispo, separado do baptismo, é que deu origem ao que se veio a chamar sacramento da confirmação. O ritual da iniciação cristã vigente nos primeiros tempos da Igreja englobava o que hoje são três

sacramentos distintos: o baptismo, a confirmação e a primeira comunhão eucarística. Fazia sentido ser assim por se tratar da iniciação de adultos. Contudo, com a generalização do baptismo infantil, compreende-se que o ritual inicial se viesse a desdobrar em rituais distintos no tempo de vida da pessoa.

Pelo século VI, o que acontecia no ritual do baptismo era considerado como um facto objectivo, isto é, um facto que tinha lugar na pessoa pela simples razão de que tinha recebido o baptismo. Assim, passava a considerar-se que o baptismo não tinha que ter uma componente de experiência subjectiva. Já não havia que preocupar-se tanto com a experiência a acompanhar o sacramento, porque este constituía, de facto, um meio de introdução de uma coisa na alma da pessoa. À medida que a entrada na Igreja se tornava mais fácil e o baptismo infantil se tomava lugar comum, a componente de experiência subjectiva estava cada vez menos presente. Além disso, a partir dessa altura, a criação teológica a respeito do baptismo tomava-se pobre.

Para os autores da Idade Média, a explicação dos sacramentos já não está propriamente ligada à dimensão da experiência, mas é sobretudo uma matéria de lógica e dedução. Deste modo, o efeito imediato do baptismo deixou de ser considerado como experiência! e passou a ser considerado como social: o baptismo tornava uma pessoa membro da Igreja.

Para S. Tomás de Aquino (século XIII), o baptismo produzia dois efeitos, um primário e outro secundário. O efeito primário consistia em que o ritual do baptismo produzia na alma do receptor uma coisa, uma realidade ou qualidade sacramental que era um selo espiritual. Este era uma configuração interior a Cristo que eliminava a distorção do pecado original, era uma mudança operada na alma humana. A realidade sacramental atribuída à pessoa pelo baptismo consistia num conjunto de poderes espirituais ou virtudes cristãs, designadamente o poder de resistir à tentação e evitar o pecado e os poderes da fé, da esperança e da caridade. O efeito secundário consistia no exercício das referidas virtudes cristãs que constituem a realidade sacramental. Havia que distinguir entre ter essas virtudes e usá-las.

Deus dava os poderes espirituais, mas o seu uso requeria a cooperação dos poderes naturais humanos com os poderes dados por Deus. Em suma, os sacramentos eram instrumentos através dos quais a graça de Deus era causada na pessoa.

Para S. Tomás, o baptismo consistia numa regeneração espiritual, que ocorria oculta na alma da criança baptizada e que havia de manifestar-se mais tarde na vida. Consistia também numa incorporação real em Cristo, que ocorria através da recepção dos poderes espirituais que constituíam a realidade sacramental gravada na alma. Através da acção levada a cabo por Deus na alma, o baptismo era a participação real na morte e ressurreição de Cristo. O baptismo tornava possível ao cristão continuar a participar ao longo da vida na redenção de Cristo, através da condução duma vida redimida com a ajuda da graça recebida pêlos outros sacramentos.

BAPTISMO A TEOLOGIA

Através do sacramento do baptismo, a pessoa deve iniciar e ser iniciada numa caminhada de crescimento na vida de fé, integrada numa comunidade cristã. Este processo de iniciação cristã é verdadeiramente pascal, visto que implica uma passagem de um modo de vida que fica para trás para outro que se adopta entretanto. A necessidade desta dimensão pascal do baptismo compreende-se na medida em que se toma consciência do contexto humano e social em que a iniciação cristã tem lugar. É um contexto marcado pela realidade do pecado social, pelo pecado que emana das mentalidades e das estruturas colectivas e gera injustiça, opressão e violência. A pessoa humana nasce, cresce e conduz a sua vida mergulhada nesse clima de pecado. Aliás, é esta realidade do pecado social que permite expor a doutrina do pecado original, em linguagem actual: afirmar que a pessoa vive na ambiência do pecado social é afirmar que ela vive afectada pelo pecado original. O pecado é, pois, um dado da realidade que, à partida, faz parte da condição humana. Ora, o baptismo implica a dinâmica de libertação da ambiência do pecado social que incentiva e corrobora o pecado individual, através da integração numa ambiência comunitária onde há empenho em tal libertação'.

Não é só a sociedade em geral que está marcada pelo pecado mas também a própria comunidade a que a iniciação cristã dá acesso. No baptismo, não se opera a passagem de uma ambiência afectada pelo pecado para outra isenta de pecado, mas de uma ambiência em que há responsabilidade directa ou cumplicidade passiva no pecado para outra em que, embora afectada pelo pecado, procura libertar-se das suas tendências de desumanização. A comunidade cristã é também ela pecadora, na medida em que pode ser agente de pecado ou cúmplice nele, mas deve entregar-se ao esforço contínuo de libertação do pecado. A comunidade cristã deve adoptar uma postura de autenticidade em relação a Deus, ao mundo e a si própria. Assim, ela reconhece que é pecadora, mas empenha-se na expansão da graça que Deus concede às suas criaturas. Reconhece que é muitas vezes injusta, mas empenha-se em construir relações mais justas. Reconhece que é muitas vezes opressora, mas empenha-se em construir espaços de liberdade. De facto, a comunidade cristã tem de saber viver na tensão entre a realidade do pecado que a afecta e a esperança da libertação que a habita. Na iniciação cristã, a comunidade celebra precisamente essa esperança da libertação do pecado, apesar da situação ambígua que a caracteriza.

Este dinamismo de libertação das malhas do pecado, que define o baptismo, permite que a teologia deste sacramento chame a atenção tanto para a necessidade de libertação face ao modo de vida que se procura deixar como para a esperança dos benefícios do modo de vida que se procura adoptar. A motivação para o baptismo deve fundar-se nestes dois aspectos. Contudo, há o risco de fazer da acusação da consciência, que possa resultar do facto de se continuar activa ou passivamente mergulhado no pecado, a única motivação para receber o baptismo. Pode-se encarar o baptismo pela negativa ou pela positiva. A primeira perspectiva realça a motivação do "temor de Deus, ou de condenação eterna, ou de marginalização comunitária, ou de infracção da norma estabelecida, ou de contradição com uma certa crença religiosa". A segunda realça a motivação da "confiança no amor de Deus, de esperança na salvação do inocente, de acolhimento respeitoso por parte da comunidade crente".

Ora, toma-se necessário progredir da primeira para a segunda perspectiva. Reconheça-se que a teologia já fez avanços nesse sentido, pois actualmente não se concentra tanto na remoção do pecado, mas mais na iniciação na comunidade, no crescimento na compreensão da fé e na livre decisão que ela envolve. Contudo, é preciso distinguir entre a evolução da teologia do baptismo e a evolução da mentalidade

tradicional construída à volta desse sacramento. A mentalidade é algo arraigado nas pessoas, que envolve a mente e a sensibilidade, ao passo que a teologia é um exercício que envolve sobretudo a mente. Por isso, a teologia evolui mais depressa do que a mentalidade estruturada no comum das pessoas. Apesar disso, é evidente que essa mentalidade precisa de evoluir também no sentido duma compreensão mais positiva do baptismo .

O baptismo não pode ser considerado como um episódio isolado ou um acto acabado na vida da pessoa. Dá início a uma caminhada baptismal (baptismo de crianças) ou insere-se numa tal caminhada já em curso (baptismo de adultos), caminhada que há-de prolongar-se no decurso da vida. A iniciação na vida de fé e na comunidade crente vai-se fazendo e estará sempre por fazer. Precisamos de pensar no baptismo da própria existência como consequência lógica do sacramento do baptismo. Um deve ser o reflexo do outro. O sacramento precisa de ser actualizado ao longo da nossa existência, contém significados que precisam de se evidenciar nessa existência. O processo de libertação da mundividência do pecado, que o baptismo significa, vai ganhando corpo na vida da pessoa através da forma como interpreta cada situação e dá um novo passo em frente. Aqui reside o esforço baptismal de construção da vida, o crescimento quer na distância crítica face à ambiência do pecado e às propostas que suscita nos indivíduos quer na resposta à graça que Deus nos vai distribuindo no curso da vida.

O baptismo introduz uma realidade qualitativamente nova e de conteúdo abarcante para a vida inteira. É recebido de uma vez para sempre e marca a vida na sua totalidade. O sacramento do baptismo não se pode repetir na vida duma pessoa. Todas as experiências pelas quais a pessoa passa devem ser interpretadas à luz do dinamismo baptismal, pois sobre todas o baptismo estende o seu sentido. O sofrimento e a alegria, o trabalho e as relações, enfim, tudo o que faz parte do percurso individual e do seu posicionamento no mundo deve ser encarado à luz da dinâmica pascal própria do baptismo. No meio da complexidade da vida, a pessoa baptizada é convidada a descobrir a exigência do baptismo, o apelo a morrer para algo velho e a renascer para algo novo. Toda a experiência humana pode encerrar uma exigência de perda e uma oportunidade de ganho, perda e ganho que se inserem na caminhada pascal de maturação contínua da pessoa. Cada situação, encruzilhada ou desafio, cada discernimento e cada decisão da vida devem ser interpretados em chave de baptismo.

O enquadramento do baptismo no processo de crescimento na fé ajuda a superar um debate que tem surgido na consciência de muitos cristãos: ou baptizar os filhos enquanto crianças, ou esperar que cheguem a adultos para que decidam por si próprios. Colocar a questão apenas nestes termos é pressupor que a pessoa que é baptizada terá de crescer na fé entregue unicamente a si própria, sem contar com qualquer apoio vindo de fora. Ora, enquadrando o baptismo na caminhada de crescimento na fé, que pode ser alimentada pelo próprio ou com ajuda exterior, o eixo da questão sobre a idade adequada para o baptismo desloca-se de modo a poder ser enunciada nos seguintes termos: ou encarar o baptismo da criança como um acontecimento isolado que tem a ver exclusivamente com ela, ou inseri-lo num processo de acompanhamento, por parte de pessoas próximas e do conjunto da comunidade cristã, que a ajude ao crescimento na fé. Esse acompanhamento permite encarar o baptismo sob a perspectiva das suas possibilidades futuras. A comunidade deve assumir responsabilidades de acompanhamento futuro da criança, e também do adulto, de modo a dar sequência ao dinamismo da celebração do seu baptismo ocorrida no presente. A comunidade pode organizar um programa de evangelização dos pais e padrinhos da criança, para ajudá-los a serem depois os seus primeiros evangelizadores. Tal programa deve elucidá-los sobre as exigências próprias do baptismo, de modo a prepará-los para construir um ambiente de suporte ao

crescimento da fé da criança.
A celebração do baptismo põe em jogo não só a pessoa baptizada mas também os seus acompanhantes mais directos e a comunidade inteira dos crentes. De cada vez que presencia a celebração do baptismo, a comunidade deverá ser levada a pensar na forma como tem dado testemunho da vivência baptismal, como tem criado condições de libertação da ambiência do pecado que a todos afecta. Como anfitriã do baptismo, a comunidade deverá sentir-se chamada a renovar as suas promessas de baptismo e a comprometer-se não só com a pessoa baptizada mas também com os seus acompanhantes mais directos. Através desse suporte comunitário, a pessoa baptizada poderá sentir o amor de Deus que actua ao nível humano. No caso da criança, o ambiente de fé viva poderá ajudá-la a construir a sua fé individual. Será provável que ela venha a aderir a uma realidade cujos efeitos benéficos sente à sua volta. O ambiente de fé, fruto do compromisso assumido pêlos acompanhantes directos e pela comunidade crente, há-de contribuir para que, mais tarde, a criança baptizada venha a fazer seu esse mesmo compromisso. Surge, então, a decisão individual de aceitar a própria realidade de pessoa baptizada, fazendo suas as promessas do baptismo proferidas no passado pêlos seus pais e padrinhos .

Com o baptismo, efectua-se a entrada de um novo membro na comunidade cristã. Esta entrada implica ajustamentos tanto da parte da comunidade como da parte do novo membro. Da parte dos membros da comunidade, requer-se a flexibilidade do seu modo habitual de relacionamento mútuo, de modo a facilitar a integração da novidade que a presença do novo membro representa. A estrutura das relações que se desenvolvem na comunidade pode sofrer o impacto da entrada de cada novo membro, seja adulto ou criança. Esta entrada constitui para a comunidade um desafio à abertura e à capacidade de crescimento através da adaptação a novas circunstâncias. Da parte do novo membro, ou dos seus acompanhantes mais directos se se tratar duma criança, requer-se a adesão aos diversos aspectos daquilo que constitui a identidade e a missão da comunidade cristã, aspectos que são importantes para a sua consistência interna e credibilidade externa. Aquilo que os outros membros da comunidade estão habituados a partilhar entre si em virtude da sua identidade de cristãos terá de passar, mais cedo ou mais tarde, a ser partilhado também pelo novo membro.
No baptismo, estão contidas expectativas da comunidade em relação ao novo membro adulto ou aos acompanhantes directos do novo membro que seja criança, assim como expectativas do novo membro em relação à comunidade. A comunidade compromete-se com o novo membro e este com a comunidade. A partir de agora, cada parte terá de responder perante a outra. A comunidade não poderá ficar indiferente ao novo membro que a integra, nem este poderá doravante encarar a condução da sua vida como uma matéria de âmbito exclusivamente individual. É que a comunidade cristã precisa de se rever na forma como os membros conduzem a sua vida, pois nesta se joga a credibilidade daquela aos olhos do mundo. Aqui reside um aspecto crucial da dimensão comunitária do sacramento do baptismo.

BAPTISMO: O RITUAL

A celebração do baptismo, como a celebração de qualquer outro sacramento ou como qualquer cerimónia litúrgica, deve ser concebida por quem a prepara e compreendida por quem nela participa como uma verdadeira "palavra", isto é, como um acontecimento que contém e comunica uma mensagem, que tem a ver com a nossa vida e importa captar. Assim, a celebração dos sacramentos constitui uma linguagem: comunica determinadas compreensões de Deus e da sua obra de salvação, de modo a suscitar nos participantes uma resposta de fé e a disposição à conversão. Através dos sacramentos, Deus apresenta uma proposta a que os fiéis são convidados a responder .

Neste artigo, abordaremos, primeiro, o significado dos conteúdos do sacramento do baptismo das crianças, o que, aliás, é suficiente para compreender também o significado dos conteúdos do sacramento do baptismo dos adultos. Teremos, depois, uma visão panorâmica das etapas da iniciação cristã dos adultos, que inclui obviamente o respectivo sacramento do baptismo. Finalmente, enunciaremos um conjunto de semelhanças e diferenças entre o baptismo das crianças e o dos adultos.

Baptismo das crianças: conteúdos

O ritual do baptismo usa gestos, palavras e elementos que evocam o dinamismo do mistério pascal, evocam a ideia de trevas e luz, de escravidão e liberdade, de morte e vida. Sendo assim, o baptismo significa o início do processo de passagem das trevas para a luz, da escravidão do pecado para a liberdade proporcionada pela graça de Deus, da morte para a vida.

O *ritual do acolhimento*, no início, tem lugar, se possível, à entrada da igreja. Convidam-se os presentes a um espírito de comunidade e à participação com dignidade na celebração. No diálogo inicial do celebrante com os pais e padrinhos, pretende-se verificar a sua disposição de assumir a responsabilidade de educar a criança na fé.

Este diálogo conclui-se com o sinal da cruz que o celebrante juntamente com os pais e os padrinhos fazem na fronte da criança, sinal que exprime o gozo da comunidade cristã ao receber um novo membro.

A *celebração da Palavra de Deus* pretende mostrar a relação entre a palavra e o sacramento, assim como a relação entre evangelização e celebração. A Palavra, que faz parte da própria acção sacramental, é necessária para anunciar o mistério da salvação que Deus opera em nosso favor e alimentar a fé da assembleia reunida. Na oração de exorcismo e unção pré-baptismal pede-se a acção de Deus para a luta e a vitória contra o pecado e o mal.

A *renúncia ao pecado* e a *profissão de fé* aparecem unidas, uma vez que são as duas faces da mesma adesão de fé, do mesmo compromisso com Deus e com a comunidade cristã. À renúncia a Satanás contrapõe-se a adesão vital a Cristo. Realça-se o facto de que a fé é dom de Deus e compromisso permanente, de que a fé requer conversão contínua para entrar mais profundamente na história da salvação.

Saudação e exortação inicial
Diálogo com os pais e padrinhos
Leituras bíblicas e Homilia
Preces e Invocação dos Santos
Oração de Exorcismo e Unção antes do baptismo
Exortação
Bênção e invocação de Deus sobre a água
Renúncia ao pecado e Profissão de fé
Baptismo (por infusão ou imersão)
Unção depois do baptismo
Imposição da veste branca
Entrega da vela acesa
"Effetha": Oração dirigida aos ouvidos e à boca (opcional)

Procissão até ao altar
Oração dominical (Pai Nosso)
Bênção e Despedida

A *imersão na água* ou a *infusão* significa a participação no mistério pascal de Jesus Cristo, e, daí, a união com Ele; significa o início de uma existência que há-de desenrolar-se como uma "páscoa", como um contínuo "morrer e ressuscitar". Realça o dom da regeneração, o arranque para uma nova vida através da morte para o pecado.

A *unção após o baptismo* (ou unção com o crisma) significa a participação na unção de Cristo, na sua actividade sacerdotal, na sua missão, significa a incorporação no Corpo de Cristo que é a Igreja. A *veste branca* significa a novidade da vida dos filhos de Deus. A *entrega da vela acesa* significa a participação na luz de Cristo ressuscitado e na missão de ser luz no meio do mundo. Com o rito da vela acesa realça-se o facto de que a fé ilumina a mente e purifica o coração, de que a fé é uma forma de conhecimento que permite penetrar na intimidade de Deus. O cristão é "iluminado", "iniciado" no mistério de Deus e da salvação que Ele nos oferece.

A *procissão ao altar* significa a união entre os diversos sacramentos da iniciação, ou seja, a dimensão da iniciação como processo que começa com o baptismo e culmina com a eucaristia. A oração do *Pai-Nosso é* sinal de acção de graças ao Pai, da nova relação filial da pessoa baptizada, da pertença a uma comunidade orante e do próprio compromisso dos pais de ensinar os seus filhos a orar.

Etapas da iniciação dos adultos

O ritual da iniciação cristã dos adultos, de que hoje dispomos, tanto no que respeita à sua organização como processo de várias etapas como no que respeita à junção dos sacramentos do baptismo, da confirmação e a eucaristia numa só celebração, resulta da fidelidade à prática da iniciação cristã dos adultos que vigorava nos primeiros tempos da Igreja.

A primeira etapa da iniciação é de *Evangelização e "Pré-catecumenado".* Nesta, a Igreja procede à proclamação inicial do Evangelho. Dos candidatos espera-se fé e conversão iniciais, assim como a decisão de procurar ser membro da Igreja. A etapa não tem duração específica. Termina com o rito da "admissão dos catecúmenos", através do qual os candidatos manifestam à Igreja a sua vontade e a Igreja admite os que dão mostra de quererem tomar-se efectivamente seus membros.

Começa, então, a etapa do *Catecumenado.* Nesta, a Igreja dá uma catequese completa que faculte o conhecimento dos mistérios da salvação e da doutrina da Igreja. Cada catecúmeno será particularmente acompanhado por uma pessoa capaz de bom exemplo e de ajuda. Dos catecúmenos espera-se o amadurecimento da fé e da conversão, o aprofundamento do compromisso com Cristo demonstrado no estilo de vida, a integração gradual na Igreja e a decisão de receber o baptismo. A etapa tem uma duração flexível que pode ir até aos três anos.

Termina com o rito da "eleição" e da "inscrição do nome". Tal rito chama-se de "eleição", porque a Igreja escolhe e admite os catecúmenos que se mostram mais idóneos para a próxima celebração dos sacramentos da iniciação. Chama-se de "inscrição do nome", porque os catecúmenos escrevem o seu nome no livro dos "eleitos" para a celebração.

Começa, então, a etapa da *Purificação e Iluminação,* que tem lugar, em princípio, ao longo da Quaresma. Nesta etapa, a Igreja faculta aos "eleitos" uma preparação espiritual intensa para os sacramentos da iniciação. Espera-se deles a fidelidade à observância quaresmal com o recolhimento espiritual e a purificação através do exame de consciência e da penitência. Espera-se também que venham a ter um conhecimento mais profundo de Jesus Cristo. Esta etapa desemboca na celebração dos três sacramentos da iniciação que terá lugar, em princípio, na Vigília

Pascal.

Segue-se a etapa da *"Mistagogia"* ou catequese pós-baptismal, em que a Igreja faculta catequese pós-baptismal, especialmente através das missas dos domingos do tempo da Páscoa. Espera-se dos recém-baptizados o aprofundamento da experiência cristã e a plena integração na comunidade dos fiéis.

Semelhanças e diferenças

O sacramento do baptismo das crianças e o dos adultos são semelhantes quanto à estrutura celebrativa. Em ambos existem as mesmas partes e o mesmo ritmo: acolhimento, celebração da Palavra, rito do Baptismo propriamente dito e ritos explicativos ou complementares. São também semelhantes quanto aos gestos essenciais: a renúncia ao pecado e ao mal seguida da profissão de fé, o banho de água e as fórmulas baptismais. São também semelhantes quanto ao conteúdo e significado teológicos. Existe em ambos a mesma promessa da graça da filiação divina, a mesma participação no mistério pascal e a mesma incorporação na Igreja. São semelhantes, ainda, quanto às consequências da celebração baptismal para a pessoa baptizada e para a Igreja.

Mas os dois sacramentos são também diferentes em vários aspectos. São diferentes, obviamente, quanto aos sujeitos do baptismo. No baptismo dos adultos, trata-se de pessoas conscientes, livres, responsáveis, capazes de voz activa na profissão de fé. No baptismo das crianças, trata-se de pessoas que não são conscientes, nem livres, nem responsáveis e que, por isso, não são capazes de professar a fé por si mesmas. São os pais e os padrinhos que o fazem, com sentido de responsabilidade, em nome das crianças. Os dois sacramentos são diferentes quanto à petição do baptismo. No baptismo dos adultos, são eles próprios que fazem a petição; no das crianças, são os pais e os padrinhos que a fazem.

Os dois sacramentos são diferentes quanto ao seu enquadramento no processo da iniciação cristã. O processo da iniciação dos adultos estende-se mais no tempo anterior ao baptismo do que no tempo posterior. O baptismo dos adultos é precedido por um tempo, mais ou menos longo, de evangelização, catecumenado e aprofundamento espiritual, embora seja seguido depois pela "mistagogia". Pelo contrário, o processo da iniciação das crianças estende-se menos no tempo anterior ao baptismo e mais no tempo posterior. O baptismo das crianças é precedido apenas pela preparação dos pais e dos padrinhos e seguido por um tempo longo em que terão lugar a catequese, a confirmação e a plena participação na eucaristia. Enquanto que ao baptismo dos adultos se segue imediatamente a confirmação, no caso das crianças existe, entre o baptismo e a confirmação, a diferença de tempo necessária para que elas venham a assumir pessoalmente a fé. Digamos que os dois sacramentos mostram duas lógicas diferentes: o dos adultos começa pela fé para terminar na celebração do baptismo; o das crianças começa pela celebração, na esperança de que, com o tempo, se há-de chegar à fé.

Os dois sacramentos são diferentes também quanto à pessoa que os administra. No baptismo dos adultos, o ministro é, em princípio, o bispo; na ausência deste, será o sacerdote como seu delegado. No baptismo das crianças, o ministro é o sacerdote ou o diácono.

<u>BAPTISMO DAS CRIANÇAS</u>

(quando não integrado na missa)

1. ACOLHIMENTO DA(S) CRIANÇA(S) .....
2. CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS
3. CELEBRAÇÃO DO BAPTISMO
4. RITOS EXPLICATIVOS
5. CONCLUSÃO DO RITO